

Artigo / Article

Ensino da argumentação: uma análise propositiva do gênero comentário online

Teaching argumentation: a propositional analysis of the online commentary genre

José Paulo Tavares Severo Júnior 

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
josepauloufrpe@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-9150-1606>

Maria de Fátima Silva dos Santos 

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
santosfatima382@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9865-0487>

Recebido em: 29/04/2023 | Aprovado em: 10/08/2023

Resumo

Este artigo objetiva examinar a ocorrência de relações discursivo-argumentativas em textos do gênero comentário *online* que são postados em redes sociais, paralelamente à reflexão sobre a abordagem da argumentação no ensino de Língua Portuguesa. Caracteriza-se como estudo exploratório, de natureza qualitativa e delimitado por pesquisa bibliográfica. O *corpus* de análise é composto por um post de notícia publicado no perfil do jornal *Estadão*, no *Instagram*, e pelos comentários reativos à postagem. Os resultados da análise indicaram a ocorrência de diferentes relações argumentativas nos comentários em que os enunciados são encadeados por articuladores textuais, o que sugere a importância do trabalho com os elementos linguístico-discursivos no ensino da argumentação, sobretudo em textos contemporâneos veiculados virtualmente.

Palavras-chave: Argumentação • Rede social • Ensino • Língua portuguesa • Instagram

Abstract

This article aims to examine the occurrence of discursive-argumentative relationships in written texts of the online commentary genre that are posted on social networks, parallel to the reflection on the argumentation approach in the teaching of the Portuguese language. It's characterized as an exploratory study,

of a qualitative nature and outlined by bibliographical research. The corpus of analysis is composed of a news post published on the profile of the newspaper Estadão, on Instagram, and the reactive comments to the post. The results of the analysis indicated the occurrence of different argumentative relationships in the comments in which the utterances are linked by textual articulators, which suggests the importance of working with linguistic-discursive elements in the teaching of argumentation, especially in contemporary texts conveyed virtually.

Keywords: Argumentation • Social media • Teaching • Portuguese Language • Instagram

Introdução

As inovações cibernético-tecnológicas do mundo globalizado têm engendrado transformações significativas na sociedade e no processo comunicativo. A globalização possibilitou uma maior comunicação em massa e o trânsito sistemático de informações entre diferentes áreas do conhecimento humano, bem como novos rituais de interação social na vida cotidiana.

Com a ascensão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e a hiperconectividade dela decorrente, o papel da linguagem nesse contexto de transformações se manifesta sobremodo na produção de sentidos (Rojo; Barbosa, 2015). A necessidade de atribuir sentido configurou novas práticas de linguagem escrita, quer seja em relação ao suporte, quer seja no que tange aos gêneros discursivos, especialmente aqueles pertencentes à esfera do argumentar.

Ao argumentar em defesa de pontos de vista no ciberespaço, os sujeitos que integram esse ambiente virtual organizam seu discurso de modo a torná-lo lógico e, com isso, levar o interlocutor a seguir uma linha de raciocínio e a concordar com ela. Para tanto, se valem de uma série de mecanismos linguístico-discursivos que auxiliam na estruturação dos enunciados em textos através de sucessivos encadeamentos, conferindo-lhes uma direção argumentativa.

Considerando, portanto, essas reflexões iniciais, neste artigo voltamo-nos para a temática que diz respeito à argumentação em gêneros discursivos da cultura digital. Especificamente, objetiva-se examinar a ocorrência de relações discursivo-argumentativas em textos do gênero comentário *online* que são postados na rede social *Instagram*, com vistas a subsidiar didatizações voltadas ao trabalho com a argumentação em textos contemporâneos nas aulas de língua materna.

Tomamos por base teórico-metodológica as concepções bakhtinianas de língua/linguagem, interação e gêneros do discurso (Bakhtin, 1997; 2003), assim como as contribuições da Linguística Textual para a compreensão da noção de texto (Koch, 2020). Em relação à argumentação, baseamo-nos nas reflexões de Plantin (2008) e Koch (2011), como também na classificação proposta por Koch e Elias (2016) acerca dos articuladores textuais.

LINHA D'ÁGUA

Quanto ao gênero comentário *online*, este estudo apoia-se nas discussões ensejadas por Sal Paz (2013), Alves Filho e Santos (2013), Mendonça e Catelão (2017) e Santos (2018).

A fim de explicar sobre tais questões, o artigo está dividido em três partes: na primeira, apresentamos as principais bases teóricas que nos possibilitam discutir as relações entre linguagem, texto e argumentação; na segunda, respaldados pelas orientações preconizadas pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), refletimos sobre o ensino da argumentação na leitura e na produção de textual de gêneros contemporâneos, como o comentário virtual; e, na terceira, analisamos as relações discursivo-argumentativas em comentários do *Instagram*, visando ilustrar possibilidades didáticas para o trabalho com o texto argumentativo.

1 Linguagem, texto e argumentação

Amparados na concepção de língua/linguagem como atividade sócio-histórica, cognitiva e interativa, entendemos que toda enunciação está situada no meio social que envolve o indivíduo e que o sentido, portanto, se produz de forma situada. Nessa concepção, defendida por Bakhtin/Volochínov (1997), rejeita-se a ideia de língua enquanto sistema estável e desvinculado de valores ideológicos, tomando-a como fenômeno interacional e dialético. Compreende-se, desse modo, que a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema abstrato das formas linguísticas, tampouco no psiquismo individual dos falantes. Logo, a sua substância é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações, o que caracteriza, pois, a realidade fundamental da língua (Bakhtin; Volochínov, 1997).

Assumir que a língua relaciona aspectos transcendentais ao sistema e que ela se manifesta por meio de textos materializados em situações concretas de interação implica reconhecer, por conclusão, que a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas, palavras ou frases, mas sim em unidades maiores que constituem, no dizer de Marcuschi (2008), uma *unidade de sentido*.

No âmbito da investigação linguística, essa compreensão permitiu o surgimento dos estudos do texto, cuja origem motivou-se pelas inquietações em torno das perspectivas teórico-metodológicas adotadas para a análise da frase. Entre as várias concepções de texto que fundamentaram os estudos em Linguística Textual, destaca-se a concepção de base sociocognitiva-interacional, que propõe a ideia de texto como “[...] *lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (Koch, 2020, p. 12, *italico da autora*).

Nesse entrecruzamento, concebemos a argumentação como uma atividade essencial e constitutiva das mais diversas situações de interação discursiva em que se envolvem os sujeitos da linguagem, cujas visões de mundo, inevitavelmente, tendem a divergir. Desse modo, como assevera Plantin (2008, p. 64), a atividade argumentativa constrói-se fundamentalmente “pelo

desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma questão”.

Assim, é a divergência necessária entre posicionamentos em torno de uma dada questão que motiva a situação argumentativa, de modo que um dos fatores que possibilita o fenômeno da argumentação é a sua natureza interacional e dialógica. Em resumo, o contexto de interação responsável por criar as condições para o surgimento de posicionamentos distintos no entorno de uma questão é o que dá origem à situação argumentativa.

Com efeito, convencionou-se definir o “texto argumentativo” como aquele cuja principal característica é a defesa de uma ideia, hipótese, teoria ou opinião com o objetivo de convencer ou orientar o enunciatário para determinadas conclusões. A produção envolve não somente o emprego de recursos retóricos, a depender do gênero discursivo escolhido, mas também de recursos linguísticos responsáveis por organizar o texto, estabelecendo relações entre ideias e construindo, dessa forma, a sua argumentatividade. Em face do objetivo central, cabe-nos apresentar, a seguir, as categorias que serão contempladas na análise do *corpus*.

1.1 Articuladores textuais e argumentação

Uma das características da produção textual refere-se à articulação entre orações, períodos, parágrafos e sequências maiores, visto que a ligação entre essas partes contribui para que o texto seja compreendido como uma unidade de sentido. As marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão são denominadas articuladores textuais, operadores de discurso ou marcadores discursivos.

De acordo com Koch e Elias (2016), os articuladores têm um importante papel no estabelecimento da coesão, da orientação argumentativa e da coerência, atuando em diferentes níveis textuais: no nível da organização global, em que explicitam as articulações das sequências maiores do texto; no nível intermediário, onde os encadeamentos ocorrem entre parágrafos ou períodos; e no nível microestrutural, em que indicam os encadeamentos entre orações e termos das orações.

Os articuladores textuais podem assumir diferentes funções, tais como: situar ou ordenar (no espaço e/ou no tempo) os estados de coisas do que é enunciado; estabelecer relações lógico-semânticas (causalidade, condicionalidade, disjunção etc.) entre os enunciados; introduzir comentários ora sobre a formulação do enunciado (como aquilo que se diz é dito), ora sobre a enunciação (o ato de dizer); e, por fim, sinalizar relações discursivo-argumentativas (Koch; Elias, 2016).

Com relação a essa última função, as autoras explicam que os articuladores discursivo-argumentativos determinam relações entre dois ou mais enunciados, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema. Nesse jogo de relações, a diferenciação de enunciados em atos de fala particulares poderia ser percebida, por exemplo, quando proferidos

por locutores distintos. Abaixo, segue um quadro demonstrativo das principais relações discursivo-argumentativas e seus respectivos operadores.

Quadro 1. Principais relações discursivo-argumentativas

RELAÇÕES DISCURSIVO-ARGUMENTATIVAS	ARTICULADORES
Conjunção (soma)	E, também, não só...mas também, tanto...como, além de, além disso, ainda, nem (= e não)
Disjunção argumentativa	Ou
Contração (oposição, contraste de argumentos)	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, ainda que, apesar de (que)
Explicação ou justificativa	pois, porque, que
Comprovação	tanto que
Conclusão	portanto, logo, por isso, por conseguinte, consequentemente, então
Comparação	menos...do que, mais...do que
Generalização/extensão	Aliás
Especificação/exemplificação	por exemplo, como
Correção/redefinição	ou seja, isto é, ou melhor

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Koch e Elias (2016, p. 132-140).

Os articuladores determinam também a orientação argumentativa do enunciado que introduzem, já que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a intenção de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, em detrimento de outras (Koch, 2011). Em razão disso, esses articuladores são chamados também de operadores argumentativos, uma vez que as relações que estabelecem são de ordem pragmática, retórica e argumentativa.

A rigor, a interação social por meio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Dotado de faculdades racionais e vontade, o indivíduo constantemente avalia, julga, critica, forma juízos de valor e, por intermédio do que diz (na fala ou na escrita), tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que ele compartilhe de suas opiniões. Logo, consoante a Koch (2011),

É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade (Koch, 2011, p. 17, negrito da autora).

Em suma, a argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige que o sujeito que argumenta construa, mediante um ponto de vista racional e com finalidade persuasiva, um raciocínio a partir de experiências individuais e sociais, em situações discursivas temporal e espacialmente delimitadas.

Se na escrita convencional a articulação marcada por articuladores pode não garantir – embora contribua para – a unidade de sentido do texto, inclusive com implicações na sua orientação argumentativa com a expansão da tecnologia, encontram-se formas de composição textual cada vez mais heterogêneas e maleáveis, sobretudo em razão da frequência, rapidez e criatividade atreladas à escrita realizada na internet, notadamente nas redes sociais e nas mensagens instantâneas de texto.

Essa maleabilidade advinda da popularização dos aparatos tecnológicos tem reflexos no uso social dos gêneros discursivos, alguns dos quais surgiram a fim de propiciar ainda mais interação no ciberespaço, ao passo que outros foram acrescidos de características em função das novas mídias. Por isso, gêneros que têm por função emitir opinião apresentam um potencial participativo considerável, na medida em que objetivam influenciar possíveis leitores.

As características do mundo globalizado demandam uma educação cada vez mais direcionada à formação cidadã dos aprendizes. Tal fato, por sua vez, faz-nos questionar o ensino de argumentação na contemporaneidade, o qual apresenta, a nosso ver, uma considerável necessidade de ressignificação e aprofundamento, especialmente quando discutimos políticas públicas e ações em nível nacional, tais como as que se concretizam em orientações e diretrizes curriculares.

Nessa linha, como afirmam Alves Lima e Santos (2022), o desenvolvimento da argumentação, em vínculo com o pensamento crítico e a participação social, tem sido pautado como elemento integrante dos diferentes componentes curriculares e níveis de ensino. No caso do componente língua materna, os professores seriam plenamente capazes de desenvolver a argumentação junto aos educandos, abarcando a competência linguístico-textual e os demais elementos integradores do ato de argumentar.

2 O ensino da argumentação na leitura e na produção textual

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) assume a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem – já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998) – segundo a qual a linguagem é um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes e nos diferentes momentos históricos.

Nesse sentido, o documento defende a centralidade do texto como unidade de trabalho, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e “o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.” (Brasil, 2018, p. 67). Isso significa que o ensino de língua portuguesa precisa ocorrer de modo contextualizado e articulado aos seus usos sociais.

Essas breves considerações sobre as concepções teóricas adotadas pelos documentos oficiais já nos fornecem elementos para refletir sobre o papel do ensino da argumentação nas aulas de língua portuguesa, especialmente se colocamos em pauta um ensino que promova a

competência linguístico-discursiva dos aprendizes, com vistas à sua inserção na cadeia de produção dos discursos que circulam socialmente.

Com efeito, sempre que alguém se dispõe a usar a língua, independentemente do gênero discursivo escolhido e das circunstâncias sócio-históricas em que se encontra, o faz com alguma intenção, com algum objetivo. Por essa razão, como assinala Nascimento (2012), a argumentação faz parte da nossa vida diária enquanto falantes de uma língua historicamente situados.

Em vista disso, é importante refletir sobre o papel que é atribuído ao estudo da argumentação na escola, especialmente no que se refere ao ensino de língua materna nos três eixos anteriormente assinalados. Conforme orienta a BNCC para o Ensino Fundamental-Anos Finais, aprofunda-se, nessa etapa, o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, como nos campos jornalístico-midiático. Desse modo,

[...] no primeiro campo, os gêneros jornalísticos – informativos e opinativos – e os publicitários são privilegiados, com foco em estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão. Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, **comentar**, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística-midiática (Brasil, 2018, p. 136, negrito nosso).

Entre os chamados gêneros opinativos do campo jornalístico-midiático, encontram-se gêneros que têm por função estabelecer um diálogo entre o veículo midiático e o leitor. Eles são, do ponto de vista pedagógico, mais propícios para desenvolver a habilidade da argumentação, devido às explícitas estratégias argumentativas e em razão da sua própria função sociodiscursiva, qual seja, emitir e defender um posicionamento a respeito de uma questão mediante argumentos capazes de influenciar seu interlocutor.

Nesse contexto, os alunos podem enfrentar dificuldades no processo de ensino-aprendizagem das estratégias argumentativas retóricas, como não conseguir identificar um assunto, um ponto de vista ou argumentos favoráveis e contrários a um posicionamento (Nascimento, 2012). Essa distinção é básica para qualquer trabalho com a argumentação e deve ser trabalhada desde as séries iniciais, a fim de evitar que os estudantes avancem nas séries escolares e se insiram em outras esferas sociais com defasagens na compreensão de textos argumentativos.

Contudo, um equívoco que influencia negativamente no ensino desse fenômeno linguístico diz respeito à preferência dada por muitos professores e autores de livros didáticos às estratégias retóricas, desconsiderando o papel dos elementos linguísticos no processo de argumentação (Nascimento, 2012). Sendo assim, é desejável, do ponto de vista pedagógico, refletir acerca das funções exercidas por esses elementos linguístico-discursivos na articulação e na orientação argumentativa dos textos.

3 O gênero comentário online

Amparados em Marcuschi (2008), aderimos à tese de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto, posto que toda a manifestação verbal ocorre em textos realizados em gêneros. Em vista disso, dentre as várias tendências no tratamento dos gêneros textuais/discursivos, assumimos a linha bakhtiniana fundada na perspectiva sócio-histórica e dialógica.

Para Bakhtin (2003), existe um vínculo intrínseco entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. O emprego da língua efetua-se através de enunciados – caracterizados por conteúdo temático, estilo e construção composicional – que refletem as condições específicas e as finalidades de cada esfera ou campo de atuação humana. Assim, “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (Bakhtin, 2003, p. 262, itálico do autor).

O comentário *online*, comentário de leitor ou comentário digital é o gênero interativo prototípico das chamadas “novas mídias”, terminologia que reúne diferentes manifestações jornalísticas virtuais (jornais, *weblogs*, redes sociais, entre outros) advindas da cibercultura (Sal Paz, 2013), manifestada a partir do uso da rede de computadores e de outros suportes tecnológicos, como o smartphone. Nesses espaços, o leitor sente-se motivado a responder conforme suas intenções e as regras de uso desse gênero em diferentes meios digitais.

De acordo com Bakhtin/Volochínov (1997), o enunciado constitui a real unidade da comunicação discursiva, ou seja, a produção de sentidos é resultado de enunciados efetivamente ditos, o que implica na pluralidade ou multiplicidade de vozes presentes nos textos que, por sua vez, estão fundamentados em outros. Assim, o enunciado responde ao já dito, ao mesmo tempo em que suscita os mais variados tipos de respostas (adesões, refutações, questionamentos, apoio, crítica, ironia etc.).

Com efeito, o gênero comentário digital apresenta uma construção dialógica, no sentido de que remete a discursos anteriores e de que os comentadores interagem ao se posicionarem com textos que podem servir como réplica ou tréplica, por meio de um posicionamento convergente, divergente ou complementar. Em outras palavras, as relações de interação nesse gênero revelam uma grande intensidade de relações dialógicas dentro e fora da cadeia discursiva (Sal Paz, 2013).

Em relação ao autor e ao leitor presumido, Mendonça e Catelão (2017) distinguem entre “autor-leitor” (quem produz o texto deflagrador das réplicas) e “leitor-comentador”, entendendo o primeiro como o sujeito que desencadeia a participação dos diversos leitores (inclusive o leitor-comentador). Anteriormente à publicação de determinada informação, a qual independe dele para existir, o jornalista realiza a leitura e redige o texto a ser publicado, de modo que seu posicionamento – que muitas vezes segue a ideologia da instituição que

representa – introduz as participações do público. Quando a informação é emitida, ela salta aos olhos do leitor-comentador pelo ponto de vista adotado pelo autor da publicação.

O “leitor-comentador” é responsável pelo “comentário ativador” e pelo “comentário secundário”. Apesar de estar no singular, essa nomenclatura identifica dois sujeitos que agem, a princípio, com objetivos diferentes, mas de maneira similar. O leitor-comentador é quem ativa a participação de outros leitores da notícia e, assim, indica um tema passível de discussão. Ele também pode atuar como produtor de um comentário secundário, seja referente à discussão que iniciou, seja sobre outra que lhe interesse (Mendonça; Catelão, 2017).

Entendido como um domínio de sentido, o conteúdo temático relativo ao comentário *online* é caracterizado pela necessidade social de manifestação da opinião pública na esfera jornalística, o que pode abarcar pontos de vista sobre diversos temas (atualidades, entretenimento, fatos relevantes sobre política, economia, relações internacionais etc.) (Alves Filho; Santos, 2013).

No plano composicional, conforme Sal Paz (2013), é um gênero curto cuja estrutura alude a uma fala ou interação espontânea e informal, e sua recepção é imediata pelo fato de o co-enunciador estar ausente durante a produção discursiva. Na seção de abertura, frequentemente abre *in medias res*, pois se pressupõe o conhecimento mútuo e compartilhado do assunto. No corpo, podem ser reconhecidos os elementos de submissão a uma mensagem prévia, exposição de um ponto de vista e apelo a outros membros da comunidade por meio de marcas que o enunciador estabelece a partir das zonas de mudança de turno.

Outrossim, a composição é diretamente influenciada pelo aspecto dialógico inerente ao gênero, pois há a referência a outros discursos externos que integram dialogicamente a voz dos comentadores e esses, por sua vez, replicam a notícia, outros comentadores, personagens da notícia, o portal, além de outras possibilidades, o que implica diferentes destinos para as réplicas. Dessa maneira,

[...] podemos dizer que no uso real da língua, a forma composicional do gênero comentário *online*, constituída de uma sequência de comentários, permite ao comentador a sua inserção em qualquer ponto da cadeia comunicativa, replicando não apenas a notícia, mas qualquer outro comentador. Essa mobilidade da forma contribui para que os enunciadores (comentadores) manifestem suas apreciações valorativas de divergência ou de convergência não apenas sobre a notícia, mas também sobre comentários que já são apreciações de outros leitores (Alves Filho; Santos, 2013, p. 89).

Por fim, quanto ao estilo, brevidade e condensação podem ser consideradas suas características marcantes, seguidas da clareza, tom coloquial, força e originalidade. É recorrente também o uso de metáforas, ironias, eufemismos, paralelismos, humor, perguntas retóricas, hipérboles, citações multimodais (compartilhamento de links) e reformulações amplificadoras. Às vezes, pode-se incorrer em imprecisões de expressão e imprecisões na estruturação das frases (Sal Paz, 2013).

Ao difundir opiniões, o comentário expressa ideologias e, conseqüentemente, coloca-se ao lado ou em oposição ao poder estabelecido. Nesses espaços de discussão, o enunciador se posiciona como intérprete voluntário da sociedade e de seus interesses, razão pela qual chega a aconselhar condutas aos governantes, sugerir medidas à administração e propor caminhos alternativos aos dirigentes das diferentes instituições sociais. Nesse caso, o comentador julga que o que ele propõe é o mais conveniente para as demandas do seu grupo (Sal Paz, 2013).

No âmbito jornalístico, o espaço para a produção de comentários enriquece o potencial informativo (crítico-analítico) da notícia, haja vista que o comentador lança mão de informações não contempladas na notícia, além de externar suas valorações apreciativas e pontos de vista acerca dos acontecimentos noticiados, influenciando também o ponto de vista de outros leitores (Santos, 2018).

Logo, sendo um gênero manifestador de opinião na esfera jornalística, o comentário atua no sentido de responder a um posicionamento cultural da mídia, que visa incentivar a participação responsiva de todos os leitores por meio das opiniões manifestadas sobre as informações veiculadas, permitindo a participação política, o engajamento e a atuação democrática.

3.1 Análise de comentários online

Nesta subseção, examinamos as relações discursivo-argumentativas em textos do gênero comentário *online* da rede social *Instagram*. Os comentários analisados tiveram como origem um post de notícia, publicado pelo jornal *Estadão*, que trata das declarações favoráveis à legalização do aborto no Brasil concedidas pelo então ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Abaixo, apresentamos a imagem da publicação, ocorrida em 6 de abril de 2022 no perfil do jornal.

Figura 1. Imagem do post do *Estadão* (@estadao)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CcBHCmzMW6I/>. Acesso em: 7 abr. 2022.

Em 14 de abril de 2022, data de coleta dos dados, havia 3.164 comentários registrados na publicação. Seleccionamos, contudo, apenas os comentários que indicassem a ocorrência de possíveis relações argumentativas com o emprego de articuladores e aqueles em que, mesmo não havendo o emprego desses articuladores, ainda assim integrassem a cadeia discursiva, totalizando onze comentários. Posteriormente, os dados foram anonimizados e transcritos do mesmo modo como foram produzidos pelos internautas.

Cada comentário ativador foi numerado sequencialmente e identificado por meio das letras CA, ao passo que as respostas a comentário foram identificadas pelas letras CR e pela numeração indicativa da ordem de sua postagem na cadeia, seguidas do comentário a que respondem (iniciado pelo símbolo @). Finalmente, destacamos os articuladores empregados em cada comentário.

Quadro 2. Sequência de comentários 1

CA1. Aposto como a irmã da igreja rica faz um aborto numa clínica particular sem sofrer nada de nada, e depois tá nas redes senso contro o aborto.

CR1.1 (@CA1). também conheço situações assim... **Por isso** sou a favor da descriminalização do aborto. Eu não abortaria. **Mas** nessas decisões precisamos pensar no todo.

CR2.1 (@CA1). se uma pessoa for realmente evangélica ela jamais fará um aborto, independentemente do motivo, **pois** acreditamos que abortar e o mesmo que matar, e não temos o direito de fazer isso

CR3.1 (@CR2.1). **mas** vc não pode obrigar a pessoa a pensar como vc, nem todos são evangélicos

CR2.2 (@CR3.1). eu obriguei alguém a pensar como eu? Eu só respondi o comentário acima que dizia mentiras acerca dq eu penso, não distorça o que eu disse

CR3.2 (@CR2.2). vc interpretou errado o meu comentário. O que eu quis dizer foi que as decisões de Estado não podem sofrer interferência de cunho religioso, **pois** no Brasil o Estado é laico, **ou seja** nem todo mundo é evangélico, entendeu agora?

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CcBHCmzMW6I/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

No comentário ativador, o sujeito produtor é um leitor-comentador, pois é quem estimula a participação de outros leitores e introduz um tema secundário que se relaciona ao tema principal do post. O tópico levantado é o posicionamento da mulher e a influência da religião no debate sobre o aborto, constituindo uma réplica no plano da interdiscursividade, ou seja, a outros discursos que perpassam o tema do texto deflagrador.

As réplicas que seguem ocorrem no plano interlocutivo, visto que há comentários cujas respostas são direcionadas tanto ao comentário ativador como a outras réplicas da mesma sequência. Desse modo, a forma composicional de todo o agrupamento é influenciada pelas relações dialógicas entre os enunciados, bem como pelo conhecimento mútuo sobre o assunto que é evidenciado na abertura de cada comentário, evitando, assim, tangenciamento ou fuga ao tema, seguido da exposição de pontos de vista.

O estilo dos comentários é marcado por um tom coloquial que remete à oralidade, pela redução de determinados vocábulos a nível ortográfico, como também pela objetividade refletida na estruturação das frases. Na superfície textual, os articuladores sinalizam relações discursivo-argumentativas de conjunção ou soma, conclusão, contração ou oposição, justificativa e redefinição do ato de fala.

Com efeito, em CA1, o operador de soma *e* liga dois enunciados cujos argumentos apontam para uma mesma conclusão. O argumento contido no primeiro enunciado afirma que há mulheres religiosas com boa condição financeira que lhes permite o acesso ao procedimento do aborto de forma segura – oferecido em clínicas onde os serviços atendem aos padrões médicos mínimos necessários – sem o risco de complicações graves ou morte, além de implicações penais.

No segundo enunciado, argumenta-se que, apesar de realizarem o aborto seguro, tais mulheres se manifestariam nas redes sociais contrariamente à prática do aborto. Essa relação de conjunção entre os dois enunciados marcada pelo emprego do articulador aponta para uma conclusão não explícita e que revela uma opinião: de que a “irmã da igreja rica” contrária à prática não deveria negá-la a outras mulheres, especialmente as mais pobres.

Em CR1.1, o primeiro enunciado expressa uma concordância implícita através do operador *também*, seguido por um segundo de valor conclusivo introduzido pelo operador *por isso*. Assim, mesmo não desenvolvendo o argumento que induz à conclusão, uma vez que ele consta no comentário ativador, o segundo enunciado expressa um ponto de vista favorável à descriminalização do aborto.

Na mesma réplica, constata-se uma oposição ou contraste de argumentos, em que a orientação argumentativa de um terceiro enunciado contrapõe-se à orientação do seguinte, que é iniciado pelo articulador *mas*. A relação de contração identificada opõe uma decisão de natureza individual (privado) a uma decisão com implicações na coletividade (público).

Já em CR2.1, tem-se a exposição explícita de um ponto de vista que é justificado no segundo enunciado por meio do marcador *pois*. Para a tese de que mulheres verdadeiramente evangélicas não devem praticar o aborto, independentemente do motivo, justifica-se que essa prática equivale ao homicídio, ação condenável segundo os princípios legais e cristãos.

Em CR3.1, entendemos que o enunciado introduzido por *mas* não se contrapõe ao anterior para estabelecer uma relação de oposição no mesmo comentário. Na verdade, o emprego do operador sinaliza uma discordância em relação à réplica anterior. A discordância é justificada no enunciado seguinte, onde não houve emprego de articuladores, mas cuja relação de justificativa é possível inferir a partir da posição dos constituintes linguísticos e do contexto: não se pode obrigar as pessoas a pensar em termos religiosos, [*pois*] no Brasil nem todos são evangélicos.

Tal relação de justificativa, não marcada textualmente, é retomada e reformulada na tréplica CR3.2, quando se argumenta que “as decisões de Estado não podem sofrer interferência de cunho religioso, pois no Brasil o Estado é laico, ou seja nem todo mundo é evangélico”. O marcador *ou seja* reforça o comprometimento com a verdade veiculada no primeiro enunciado: sendo o Brasil um país onde o Estado é laico – que pressupõe a exclusão da influência religiosa nas decisões políticas –, nem todos são evangélicos e, portanto, as ações de Estado não devem sofrer interferência de cunho religioso, tese central do comentário. Analisemos essas e outras relações em uma nova sequência de réplicas.

Quadro 3. Sequência de comentários 2

CA2. Perfeito! O que precisa ser entendido é que o aborto rola solto de forma ilegal, matando mulheres ou ferrando o útero delas (detalhe, mts das vezes são forçadas por seus "homens" a fazer isso) , ao menos com a legalização isso será feita de uma forma mais responsável.

CRI.1 (@CA2). até porque é muito **mais** fácil legalizar o assassinato dos inocentes **do que** atacar os reais problemas, né?

CA2.1 (@CRI.1). o real problema na maioria das vezes é o cara com "alergia" a camisinha **ou** o que fala que "vai gostar fora" ... Temos educação sexual nas escolas? essa seria uma excelente prevenção junto com os pais ensinando os filhos a serem responsáveis, **mas** estamos distantes disso, né? e aí o que fazer com essa super população que temos e todas essas crianças que são abandonadas ou negligenciadas? o problema é que vocês só olham para o feto, já trabalhei em abrigos e sei o que essas crianças passam.

CRI.2 (@CA2.1). **então** você concorda comigo. As raízes do problema são bem bembem outras. Não precisamos nem entrar no debate sobre assassinato de inocentes. Vamos onde todos concordam primeiro: educação sexual, melhoria de saneamento básico, acesso às informações, etcetcetcetc mil etc antes de abortar uma criança.

CR2 (@CA2). entendo seu ponto de vista e concordo com a maioria dos seus argumentos. **Mas** eu não acredito que abortar seja a solução sabe? Quando a sociedade se empenha em algo as coisas não funcionam a tão longo prazo. **Por isso** falo das políticas públicas, **que** integrando família, escola e comunidade pra ter mais campanhas, diálogo, etc, com jovens e crianças a respeito disso não precisaríamos ter tantos abortos, **porque** não teríamos tantas mulheres nessa situação, pra não haver **nem** gravidez indesejadas e famílias desestruturadas e **nem** abortos também. Parece algo muito utópico **porque** a falta de vontade das autoridades em investir na vida das pessoas é gigantesca. **Então** é melhor dizer acabem com a vida de um indefeso e vida que segue.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CcBHCmzMW6I/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

Na sequência 2, o leitor-comentador ativa a participação de um segundo leitor do post e replica o texto-fonte, como observado na expressão adjetivadora “Perfeito!” que inicia o comentário, indicando concordância com o ponto de vista apresentado no texto. O internauta problematiza a ocorrência frequente de abortos clandestinos e suas consequências para a saúde da mulher e, em seguida, apresenta sua opinião de que a legalização do aborto permitiria a realização do procedimento de maneira mais segura e responsável.

A interlocução ocorre apenas entre dois leitores-comentadores: um que replica o comentário principal e outro que atua como produtor de comentário secundário referente à discussão que iniciou. Vê-se que os comentários abrem *in media res*, pois se relacionam a mensagens prévias no seu desenvolvimento.

No plano do estilo, a coloquialidade, as aproximações com o discurso oral (*detalhe..., né?, e aí..., bem bem bem..., etc etc etc etc mil etc*), além da ironia que exprime um tom argumentativo, constituem aspectos que imprimem força e originalidade aos comentários dessa sequência. As relações argumentativas indicam comparação, disjunção argumentativa, contração, conclusão, explicação/justificativa e conjunção.

Em CR1.1, o termo comparante e o termo comparado denotam um comparativo de superioridade a partir de uma pergunta retórica. O termo comparado é a legalização do aborto, enquanto o termo comparante é a solução dos problemas que, inferindo-se do ponto de vista do comentador, poderiam evitar a gravidez não planejada. Nesse comentário, a relação comparativa possui caráter altamente argumentativo, pois é constituída tendo em vista uma conclusão contra a qual se pretende argumentar, ou seja, a legalização do aborto.

Na réplica seguinte, CA2.1, dois atos de fala expressam orientações discursivas diferentes. O emprego do *ou* encadeia dois enunciados que poderiam ser proferidos por locutores distintos:

Locutor 1: *o real problema na maioria das vezes é o cara com "alergia" a camisinha [...]*

Locutor 2: *ou o que fala que "vai gostar fora"...*

Nesse caso, o segundo ato de fala busca provocar o leitor para levá-lo a modificar a sua opinião ou aceitar a opinião contida no primeiro, cujo problema ali mencionado poderia ser solucionado, segundo o usuário, por meio da educação sexual no contexto familiar e escolar. Ainda assim, o autor reconhece que se trata de uma solução distante, como é possível observar na orientação argumentativa do enunciado introduzido por *mas*.

Na tréplica CR1.2, o operador *então* inicia um enunciado de valor conclusivo em relação ao ato de fala do comentário-réplica anterior (em que houve a proposição de medidas para enfrentar “as raízes do problema”), e com isso também induz o interlocutor a modificar sua opinião favorável à legalização do aborto.

No comentário que encerra a sequência, CR2, verificamos uma variedade de operadores empregados pelo comentador para articular o texto. Inicialmente, prevalece a orientação argumentativa do enunciado iniciado por *mas*, que insere o ponto de vista do enunciador (o aborto não é uma solução), embora compreenda a opinião e concorde com a argumentação do seu interlocutor no primeiro enunciado. Na sequência, argumenta que o empenho da sociedade para solucionar determinados problemas não necessariamente apresenta resultados apenas a longo prazo e, em seguida, emprega um enunciado de valor conclusivo em relação ao ato de fala anterior através do operador *por isso*.

O texto progride ao propor soluções para o problema apontado, como o desenvolvimento de políticas públicas, sendo que o esclarecimento acerca dos seus desdobramentos se dá a partir do uso do *que*, articulador que explica a ideia iniciada na primeira oração. As implicações da solução apontada resultariam na redução do número de abortos,

informação explicada no enunciado posterior pelo operador *porque*. O emprego da locução conjuntiva *nem...nem* liga dois enunciados que apontam para a mesma conclusão: as políticas públicas colaborariam para não haver nem gravidez indesejada e famílias desestruturadas nem abortos.

No enunciado seguinte, em que se argumenta ser uma solução aparentemente utópica, observamos uma orientação discursiva oposta àquela desenvolvida anteriormente e que pode ser compreendida como uma relação de oposição, apesar de não haver um operador que marque essa relação (porém, todavia, entretanto etc.). Por fim, os operadores *porque* e *então* sinalizam, respectivamente, a justificativa para as dificuldades da implantação das medidas preventivas apontadas (falta de vontade das autoridades); e a conclusão resultante da inação política, ou seja, o incentivo à prática do aborto.

3.2 Algumas ponderações à luz das análises

Os resultados da análise requerem algumas considerações. Os comentadores são sujeitos falantes situados sócio-historicamente – usuários das novas mídias na era da cibercultura que se apresentam como intérpretes da realidade social e política na qual se inserem. Eles interagem entre si em uma situação real de uso da linguagem, isto é, a tomada de posição frente aos fatos noticiados pela mídia, e isso implica reconhecer a natureza dialógica dos enunciados que exprimem tais posicionamentos.

A manifestação linguística desses sujeitos ocorre por meio de textos que demandam, na sua produção e recepção, além do conhecimento das marcas linguísticas de organização interna, a mobilização de conhecimentos extralinguísticos para a constituição da unidade de sentido, posto que as enunciações se situam num contexto sócio-histórico específico. Tal constatação não poderia passar ao largo das reflexões voltadas ao ensino.

O trabalho com os gêneros argumentativos costuma ser pouco desenvolvido durante o Ensino Fundamental, pois é comum supor que o aluno precise alcançar um grau de reflexão e abstração para desenvolver a habilidade argumentativa, o que ocorreria apenas a partir do Ensino Médio. Assim, motivados por uma práxis pedagógica sustentada pela ideia de linearização textual (narração, descrição e dissertação), muitos professores de língua materna privilegiam o ensino de textos narrativos e descritivos em detrimento das capacidades argumentativas do aluno.

Essas práticas, no entanto, vão de encontro aos estudos das últimas décadas que resultaram na elaboração de documentos norteadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A base teórica desses documentos ancora-se numa perspectiva sociocognitivo-interacionista, a partir da qual propõe-se um ensino-aprendizagem capaz de criar condições para a participação dos estudantes em práticas de linguagem que favoreçam a argumentação.

As situações concretas em que estamos inseridos requerem o desenvolvimento de práticas letradas. Isso significa que não é suficiente apenas dominar o código alfabético e as regras gramaticais, mas também saber articular habilidades e competências, saberes conceituais, atitudinais e procedimentais, além das tecnologias emergentes. Em muitas dessas situações, deparamo-nos com opiniões diversas e, nesse contexto, a argumentação é uma competência fundamental para o desenvolvimento da formação cidadã.

No século XXI, as demandas sociais que suscitam a defesa de um posicionamento ampliaram-se. Portanto, um desafio aos estudiosos da argumentação é e será a construção de propostas de ensino coerentes com as exigências sócio-históricas de nosso tempo, de modo que o ensino da argumentação esteja ancorado na prática social vivencial e não simulada, dando oportunidade do estudante, que é um ser social e histórico, de assumir-se como sujeito com identidade cultural.

Considerações finais

As reflexões teóricas aqui desenvolvidas apontaram para a relevância de experiências pedagógicas focadas na argumentação. A análise proposta reitera a posição de que os mecanismos linguístico-discursivos não apenas garantem a ligação entre os segmentos textuais de modo a facilitar a sua clareza, progressão tópica e organização interna; como também favorecem as habilidades argumentativas de sujeitos imersos em ambientes digitais cada vez mais interativos.

Ao reconhecer que os articuladores textuais atuam como encadeadores de enunciados distintos, estabelecendo relações específicas entre eles, selecionamos um *corpus* a partir do qual fosse possível examinar a ocorrência dessas relações em textos do gênero comentário *online*, pertencente à esfera jornalística. Para a consecução do objetivo proposto procedemos a um estudo exploratório por meio de pesquisa bibliográfica, visando fundamentar teoricamente a nossa análise, cujos dados ainda são parciais devido à necessidade de complexificação teórica e de verificação de alguns resultados em um *corpus* mais alargado.

Em se tratando do ensino de língua, especificamente no eixo de leitura, cabe a abordagem de textos reais do cotidiano que demandem do aluno a mobilização de conhecimentos extralinguísticos para a constituição da unidade de sentido, posto que toda enunciação se situa num contexto sócio-histórico específico, como demonstrado pelo texto deflagrador dos comentários analisados.

Além disso, acreditamos ser de fundamental importância o trabalho com elementos linguísticos que favoreçam a argumentação em textos escritos nas mídias digitais. A articulação entre os segmentos textuais é uma característica fundamental da produção escrita e configura-se como um fator que contribui para a coerência, para a progressão do texto e sua orientação argumentativa.

Por fim, pode-se dizer que a produção escrita típica das redes sociais permite-nos observar as práticas textuais e interacionais existentes nesses ambientes a partir de um olhar mais minucioso, buscando tratar tais fenômenos mediante preceitos teóricos que deem conta das variadas possibilidades de manifestação da argumentação nos mais diversos espaços comunicativos do mundo contemporâneo.

Referências

- ALVES LIMA, S. F.; SANTOS, Y. A. B. O ensino de argumentação na Argentina e no Brasil: aproximações e distanciamentos em diretrizes curriculares. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 77-99, 2022. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p77-99>.
- ALVES FILHO, F.; SANTOS, E. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./jun., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n2p78>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- KOCH, I.V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- KOCH, I.V. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MENDONÇA, G. P.; CATELÃO, E. M. Autor e leitor preferencial no gênero comentário online. *Ribanceira*, v. v.1, p. 57-73, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/1202>. Acesso em: 09 abr. 2022.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Gêneros textuais, argumentação e ensino. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.). *A didatização de gêneros no contexto da formação continuada*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012a.
- PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.
- SAL PAZ, J. C. S. Comentário digital: gênero medular delas prácticas discursivas de la cibercultura. *Caracteres*, v. 2, n. 2. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4515511>. Acesso em: 31 mar. 2022.
- SANTOS, E. P. *O gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo*. 2018. 258 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

LINHA D'ÁGUA